ALTO RISCO

SUPLEMENTO DO JORNAL ALTO RISCO
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE BOMBEIROS PROFISSIONAIS
(instituição de utilidade pública)

N.º62 | 10ª Série | Maio 2019

Especial

Incêndios que destruíram Património Cultural da Humanidade

Destaques

6

Notícia
Património
em risco

9

Reportagem
Maior incêndio
de Lisboa

18

Inovação
Tecnologia
para prevenção
e combate a
incêndios

22

Reportagem
Tese de Doutoramento
sobre financiamento
de bombeiros

Fernando Curto
Presidente da Associação Nacional
de Bombeiros Profissionais

Incêndios que se escrevem na história

O mês de Abril ficou marcado por um incêndio com consequências dramáticas para o património cultural da humanidade. A Catedral de Notre-Dame sofreu danos severos provocados pelas chamas que conseguiram reduzir a cinzas séculos de história.

Valeu a rápida intervenção e profissionalismo dos Bombeiros Sapadores de Paris, que conseguiram evitar uma tragédia ainda maior. Uma ação pronta e profissional que a ANBP fez questão de parabenizar numa missiva enviada ao comandante desta Brigada.

Este incêndio em plena capital francesa traz-nos à memória outros incêndios que destruíram símbolos de grandes cidades europeias. A esta memória coletiva não é alheio o incêndio do Chiado, em Lisboa, em 1988, que destruiu um dos maiores símbolos da capital.

Também aqui os bombeiros foram bravos na defesa de bens e pessoas, embora tenham sido registadas duas vítimas mortais. Outros tempos, outros recursos, bastante mais escassos do que hoje em dia.

Independentemente das consequências sempre catastróficas destes incêndios, ressalve-se a atitude de bravura de todos os homens que enfrentam, sem medos, as chamas. É essa mesma coragem que aparece bem retratada no filme "Vida por Vida", já nas salas de cinema do país.

Impossível ficar indiferente à história que nos é contada, que poderia bem ser a de qualquer um de nós...

Diretor
Filomena Barros

Diretor-Adjunto
Sérgio Rui Carvalho

Redação
Cátia Godinho
Paulo Parracho

Grafismo
João Botas Gonçalves

Paginação
João Botas Gonçalves

Fotografia
Gab. Aud. ANBP

Propriedade
Associação Nacional
de Bombeiros
Profissionais
Av. D. Carlos I, 89, r/c
1200-647 Lisboa
Tel.: 21 394 20 80

Tiragem
20 000 exemplares

Registo n.117 011
Dep. Legal n. 68
848/93

Impressão
MX3

Colapso em Notre-Dame seria total se bombeiros não agissem rapidamente

O Governo francês reconhece que a catedral de Notre-Dame teria colapsado por completo, numa reação em cadeia, se os bombeiros não tivessem agido com rapidez no combate ao incêndio ocorrido a 15 de abril.

Segundo José Vaz de Matos, especialista em incêndios do Ministério da Cultura da França, os bombeiros agiram agressivamente para proteger os suportes de madeira nas torres sineiras das chamas evitando uma catástrofe maior.

Em conferência de imprensa, Vaz de Matos indicou que "se o fogo atingisse" a estrutura de madeira "as torres sineiras teriam sido perdidas". "A partir do momento em que perdemos a guerra das torres sineiras, perdemos a catedral, porque é um colapso resultante de uma reação em cadeia", acrescentou.

Um oficial do corpo dos bombeiros de Paris salienta, também, que as torres da catedral de Notre-Dame podiam ter caído se os bombeiros não tivessem mobilizado equipamento pesado e agido com rapidez. Segundo a agência de notícias Associated Press, Philippe Demay indicou que não houve algum atraso e salientou que os bombeiros agiram o mais rápido possível.

Demay referiu à imprensa que a operação foi extremamente difícil e que as torres poderiam ter desmoronado se os bombeiros "não tivessem colocado equipamentos pesados no local".

O equipamento pesado em causa era constituído por veículos manobrados à distância, com mangueiras que ajudaram a combater as chamas.

A catedral encontrava-se em obras de restauro no seu exterior quando, na tarde de segunda-feira, 15 de abril, deflagrou um violento incêndio que demorou cerca de 15 horas a ser extinto. As chamas destruíram o pináculo e uma grande parte do telhado, além de parte do acervo artístico no interior.

Catedral em chamas. Notre-Dame alerta para Património em risco

O relatório preliminar da investigação do fogo que destruiu o pináculo, o telhado e parte importante do acervo artístico patente na Catedral de Notre-Dame ainda não está concluído. Este incêndio levanta, de novo, a questão da prevenção e segurança em centros históricos classificados pela UNESCO e relembra outras tragédias já ocorridas, a maioria das quais no Brasil.

(Por Paulo Parracho)

Os investigadores franceses preparam-se para desenvolver duas teorias sobre as origens do sinistro que destruiu parte de Notre-Dame: De acordo com o The New York Times, as chamas terão tido origem num curto-circuito, originado no sistema elétrico que controla os sinos da Catedral, ou em restos de cigarros ainda acesos (beatas) deitados no chão pelos funcionários da empresa responsável pelas obras de manutenção. A própria Le Bras Frères, que montou a estrutura de andaimes de suporte às obras, admitiu que alguns trabalhadores fumavam no local, apesar da proibição.

Na sequência das audições a funcionários da catedral e a trabalhadores da obra foi teorizada ainda a possibilidade de uma outra falha elétrica, mas nos elevadores. "Os investigadores estão a estudar os elevadores que foram postos no local para auxiliar os trabalhos das obras. Pode ter havido um curto-circuito", diz fonte próxima do processo citada pelo Le Parisien.

O pináculo da torre central da Catedral de Notre Dame colapsou menos de uma hora depois do incêndio deflagrar, às 19h50 parisienses. "Em poucas horas, uma boa parte do teto do edifício foi reduzido a cinzas", noticiou o jornal francês Le Figaro. Uma parte da abóbada foi derrubada e o cruzeiro e o transepto norte afundaram-se. E só a pronta intervenção dos bombeiros parisienses impediu um grau de destruição maior naquele ícone europeu, visitado anualmente por mais de 12 milhões de pessoas.

Ninguém morreu, mas registaram-se três feridos ligeiros, nenhum dos quais civis: dois polícias e um bombeiro.

O incêndio de Notre-Dame remete a nossa atenção para outras tragédias ocorridas em monumentos ou zonas de elevado interesse patrimonial e para a conclusão de que muitos dos atuais planos de segurança contra incêndios em centros históricos surgiram só depois da ocorrência de um sinistro.

Planos de segurança em zonas históricas

Um estudo desenvolvido por especialistas do Departamento de Engenharia Civil da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (Maira Leal Santana e João Paulo Rodrigues) e do Laboratório Nacional de Engenharia Civil (Leça Coelho), apontando exemplos de Portugal e Brasil, refere claramente "que preservar os centros históricos só se torna realidade após algum incêndio que provoque perdas materiais e de vidas que poderiam ter sido evitadas com a aplicação de algumas medidas simples de prevenção, proteção e extinção".

O mesmo documento, designado por "Segurança contra Incêndios nos Centros Históricos de Portugal e Brasil" aponta um preocupante paralelismo nas dificuldades quanto à segurança e combate a incêndios em zonas históricas e em grandes monumentos.

"Garantir a segurança, mais que minimizar as consequências da ocorrência de um incêndio, é impedir que o sinistro ocorra", reforçam aqueles especialistas, acrescentando: "qualquer medida preventiva, ainda que pareça inútil ou exagerada, é mais fácil, barata e segura do que controlar um incêndio".

Consciencialização da população para adoção de comportamentos preventivos e treino de procedimentos a tomar em caso de sinistro são sugestões vistas como muito importantes num primeiro nível. "O treino da população deve se dar para que, pelo menos, parte dos moradores da região seja capaz de tomar decisões para alertar os bombeiros e realizar as primeiras intervenções", sugerem.

"Um fator marcante em todos os centros históricos é a falta de acessibilidade a certos edifícios", aponta o referido estudo, realçando que tal não acontece só ao nível do solo, com obstáculos e estacionamento automóvel indevido, mas também no "espaço aéreo de acesso às edificações", muitas vezes "obstruído pela presença indiscriminada de cabos elétricos e telefónicos e até mesmo decorativos a atravessar a via".

Concluem os três especialistas que os métodos de prevenção de incêndio em centros históricos "não estão suficientemente desenvolvidos", mas que a aplicação de medidas relativamente simples pode prevenir ocorrências ou minimizar os seus efeitos.

Património Mundial em chamas

O incêndio na Catedral de Notre-Dame surge menos de um ano após a destruição do Museu Nacional do Brasil, no Rio de Janeiro, a 2 de setembro de 2018, por ou sinistro de grande proporções, curiosamente detetado à mesma hora local (19h30) isto é, após o encerramento de portas ao público. As chamas propagaram-se a todos os andares e destruíram a maior parte do acervo histórico daquele que era o maior museu universitário do país.

A 21 de dezembro, também no Brasil, centro de São Paulo, um enorme incêndio assolou os três andares do Museu da Língua Portuguesa, provocando a morte de um bombeiro. Terá sido provocado por um curto-circuito no primeiro andar do edifício, e atingiu o acervo do museu. Na madrugada de 8 de julho de 1978, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro foi também tomado por um incêndio de proporções consideráveis, que lavrou durante mais de três horas, consumindo cerca de 90% do acervo, incluindo diversas obras brasileiras, alguns Picasso e Miró, além de exemplares de Matisse, Dali e Portinari. O incêndio começou numa sala utilizada pouco antes para uma apresentação musical.

O ano de 2016 ficou marcado pela destruição completa de um outro símbolo importante do Património Mundial, o Museu de História Natural da Índia, no centro de Nova Deli, onde estava alocado o principal Museu de História Natural do país, atingindo o coração de seu acervo. Os danos foram irreparáveis e a tragédia levou a uma revisão dos sistemas de segurança de toda a rede de museus nacionais do país asiático.

Igualmente mediático foi o incêndio que em 1992 deflagrou nos salões do castelo gótico de Windsor, Berkshire, Inglaterra, residência de membros da Família Real Britânica. O incêndio, que danificou mais de cem quartos e salões, ocorreu durante as comemorações do aniversário do Duque de Edimburgo, marido da rainha, no dia 20 de novembro, quando um holofote carregado por um operário atingiu uma cortina da capela privada da Rainha Vitória e iniciou o fogo. Cerca de 200 bombeiros combateram as chamas, mas os estragos foram devastadores. Foi possível salvar parte da Coleção Real e dos pertences do duque de York, que ali morava, mas boa parte do acervo interno do castelo foi consumida.

ANBP apoia filme sobre bombeiros

É uma das profissões em que os cidadãos mais confiam, em qualquer parte do mundo. Mas ser bombeiro é mais do que um modo de vida. É antes uma missão em que se dá de si mesmo ao próximo.

"Sauver ou périr" ou "Vida por Vida", em tradução livre para português, é um retrato perfeito da vida de um bombeiro profissional. O filme francês, apresentado aos dirigentes da Associação Nacional de Bombeiros Profissionais antes da antestreia nas salas de cinema, conta uma história localizada, no espaço, nos Bombeiros Sapadores de Paris, mas que poderia ter acontecido em qualquer corpo de bombeiros profissionais, em qualquer parte do mundo.

A narrativa vai desde o dia-a-dia do bombeiro, com as suas rotinas de treino e de formatura, às situações limite do exercício da sua profissão. São focados os momentos em que têm nas mãos a vida de outros. Mas a verdadeira essência do filme está na capacidade de recuperação e regeneração de quem vive no limite.

Uma história em que se intercalam momentos de desespero com momentos de esperança, que compromete o espectador desde a primeira cena.

Uma homenagem aos que respondem "Pronto" ao primeiro toque para socorro.

"Muito próximo do real"

Antes da estreia nas salas de cinema, este poderoso e emotivo filme passou pelo "crivo" de especialistas na área. Cerca de 20 dirigentes da Associação Nacional de Bombeiros Profissionais, vindos de vários corpos de bombeiros profissionais do país, foram unânimes em dizer que a ficção retrata, afinal, a realidade.

"As formaturas são muito semelhantes" ao que se passa em alguns corpos de bombeiros profissionais, avançou um.

"Na nossa Companhia, aconteceu um caso assim", remata outro, lembrando com emoção a parte do filme que reporta ao acidente do bombeiro e posterior processo de recuperação.

"Devia ser dado mais apoio psicológico. A quem sofre e à família", relembra outro.

A ANBP em parceria com a Outsiders Films leva este filme às salas de cinema Portuguesas.

"Vida Por Vida"

"Sauver ou périr" é o lema da Brigada de Incêndios de Paris à qual pertence a personagem principal deste filme de Frédéric Tellier.

Frank é um bombeiro que trabalha e mora no quartel dos sapadores de Paris com a sua mulher e com as suas filhas. Durante uma intervenção num edifício, ao tentar salvar membros da sua equipa, sacrifica-se e fica com graves ferimentos no corpo. Depois de um internamento prolongado e de tratamentos intensivos, Frank reaprende a viver.

30 anos do incêndio no Chiado. O Antes e o Depois

(Por Cátia Godinho)

No ano em que se assinalaram os 30 anos sobre o incêndio no Chiado, a data foi assinalada pela autarquia não no dia em que ocorreu- a 25 de agosto- mas sim no dia em que terminou a fase de rescaldo, a 5 de setembro. O local da celebração foi o mesmo de sempre: a rua do Carmo, mesmo em frente à placa evocativa de todos os que estiveram envolvidos no combate ao maior incêndio das últimas décadas, no coração da cidade de Lisboa. A operação envolveu mais de 1500 operacionais, 60 corporações de bombeiros e 150 veículos de socorro.

Entre os presentes estiveram convidados especiais: os bombeiros, agora aposentados, que estiveram no combate às chamas naquela madrugada de 25 de agosto de 1988 e que lavraram com grande intensidade ao longo de 12 longas horas. Um grave incêndio do qual resultaram duas vitimas mortais (um civil e um bombeiro do Regimento sapadores Bombeiros de Lisboa, Catana Ramos) e 75 feridos, na sua maioria, bombeiros. Um fator ao qual não terão sido alheios os equipamentos então utilizados, descritos hoje em dia por alguns bombeiros profissionais como "quase em mangas de camisa".

Desde então, muito tem mudado na proteção civil da capital, como fez questão de referir o Comandante do RSB, Tenente – Coronel Pedro Patrício (que, entretanto, deixou o comando do RSB. "O combate aos incêndios e a proteção de pessoas e bens evoluiu de forma contínua e sistemática".

A organização dos meios, as técnicas de combate, o investimento na formação e nas condições de segurança, a par da legislação de segurança em matéria de incêndios em edifícios, são exemplos que "marcam a viragem do século em matéria de evolução do serviço de socorro na cidade", salientou.

Também o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Fernando Medina, salientou que" a melhor forma de assinalarmos este dia é mostrarmos a aprendizagem das lições e que tudo fazemos para que não se repita. A proteção civil está mais forte do que nunca".

A data foi ainda aproveitada para apresentar uma nova viatura plataforma, que representa um investimento de 700 mil euros por parte da autarquia. O veículo, de 26 toneladas, permite trabalhar a uma altura de 45 metros, com bomba de combate a incêndios com débito de 4000 litros por minuto. A "possibilidade de resgate de vítimas nas margens do rio" é outra das valências desta nova viatura, de acordo com o presidente Fernando Medina.

O dia em que “Lisboa ardeu”

Carlos Militão, antigo chefe do Regimento Sapadores Bombeiros de Lisboa, foi uma das primeiras pessoas a chegar à rua do Carmo, onde as chamas já tomavam o edifício do Grandela. Foi também o primeiro a fazer o relato do que estava a acontecer.

“Quando cá chegámos vimos o Grandela com chamas entre os 10 e os 15 metros. Todo o edifício estava a arder. Conseguimos dispor os meios de combate mas tivemos que recuar logo de seguida porque havia projeções de fogo para o outro lado da rua. Íamos falando com a central e pedíamos todos os meios disponíveis da cidade de Lisboa e dos concelhos limítrofes”.

Sobre aquele dia recorda que “era muito novo mas já tinha muita experiência. Tínhamos acabado de vir de um incêndio no bairro alto, complicado, mas que nós conseguimos dominar com relativa facilidade e depois deparámo-nos com outro. Nós não trememos”, lembra.

Tínhamos que combater com o que tínhamos e ao mesmo tempo não deixar que se expandisse para outros prédios. Ao mesmo tempo tínhamos que ter a consciência de que não queríamos mortos”.

Sobre o antes e o depois deste incêndio, e sobre a evolução registada ao nível do investimento da proteção civil desde então, Carlos Militão considera que “o incêndio do Chiado foi um marco dos incêndios para a cidade de Lisboa e para o país. A partir de então surgiram diplomas para elevar o nível de segurança contra incêndios nacional”.

Acerca do que poderia ter sido diferente, o antigo chefe do RSB, ”se os armazéns do Grandela tivessem sistema automático de proteção contra incêndios, se estivessem devidamente protegidos em relação à compartimentação, isto não teria seguramente acontecido”.

Já relativamente ao equipamento de proteção individual e disponibilidade de viaturas, assegura que “agora é totalmente diferente. Há uma mais-valia espetacular. Com esta autoescada teríamos conseguido trabalhar com ela na cobertura. Lançando agulhetas de canhão. Simplesmente não tinha estes meios à disposição. Tinha aqui inicialmente 13 homens que tentavam combater o incêndio com os meios que tínhamos e as autoescadas que tínhamos que não tinham hipóteses”.

“As chamas do Grandela já passavam a Rua do Carmo”

Também o Chefe José Rodrigues, hoje com 89 anos, e com 36 anos e 4 meses de serviço efetivo no RSB, recorda o dia em que os Armazéns do Chiado e do Grandela arderam. Na altura, chefe-ajudante, foi a ele a quem na altura foi dada a incumbência de redigir o relatório sobre o incêndio no Chiado.

O seu desempenho no Teatro das Operações valeu-lhe um louvor da Câmara Municipal de Lisboa “pela ação desenvolvida durante e após o incêndio do Chiado, na zona sinistrada, quer apoiando as comissões de segurança, quer orientando os trabalhos de recuperação de haveres, quer dirigindo e coordenando com outras entidades as vistorias aos edifícios atingidos”.

No documento produzido pelo chefe José Rodrigues sobre o incêndio no Chiado pode ler-se o estado em que ficaram os edifícios: “totalmente destruídos”, com a sua localização na Rua do Carmo e na Rua Nova do Almada.

Ao longo do relatório é possível ver a descrição de como tudo aconteceu:

“ o alerta foi dado através da rede telefónica civil para a Central Telefónica de Comando (C.T.C.)do Regimento Sapadores Bombeiros. Foi registado manualmente às 05h19 e em banda magnética às 05h14.45. Esta diferença justifica-se por haver um desfasamento no horário entre o relógio da consola e do gravador automático. Aquele alerta é dado pelo senhor José Fernando e imediatamente a seguir recebem-se vários outros alertas para o mesmo local, entre os quais um da PSP de Lisboa, registado magneticamente às 05h17”.

Conta o chefe José Rodrigues que “os primeiros a chegarem ao quartel foram os do quartel 8, com um pronto-socorro e uma autoescada. O pronto-socorro meteu logo pela Rua do Carmo, mas as chamas do Grandela já passavam a Rua do Carmo. E o vão entre o Grandela e o Chiado também passavam e entraram para os armazéns”.

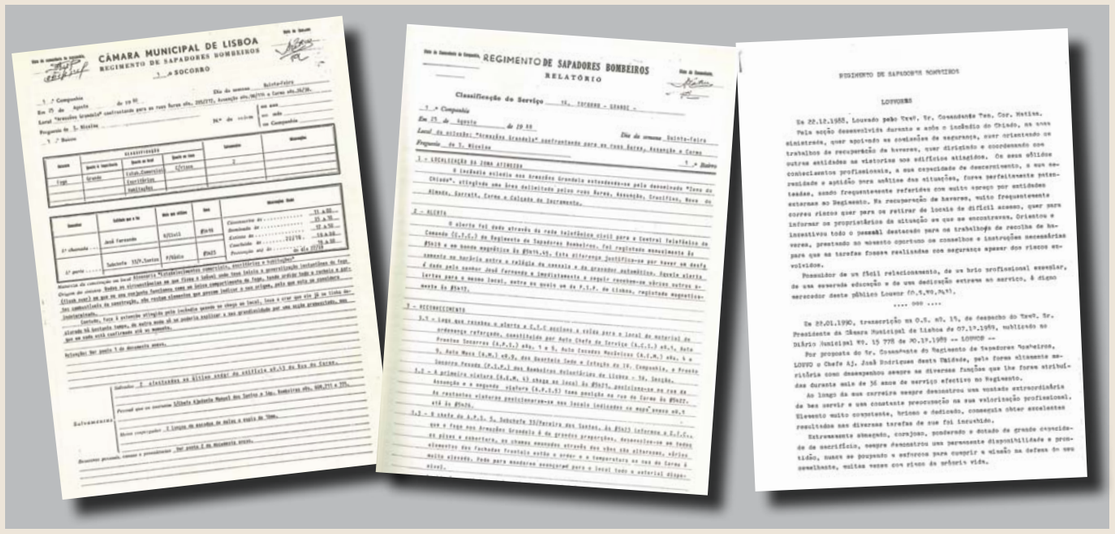
Os meios foram chegando de todo o lado, a pedido dos chefes que se encontravam no local.

“Foi vindo material. Pediram a todo o lado. Até chegaram a pedir aviões (a Força Aérea).Mas não estavam preparados para entrar ali”, lamentou.

A referência a este ponto é feita no relatório.

“Pelas 05h30, o chefe de serviço informa a C.T.C. que do lado das ruas Áurea e Assunção, o fogo nos Armazéns Grandela, também é de enormes proporções, propagou-se já ao edifício fronteiro da rua da Assunção e as chamas atingem a fachada dos Armazéns do Chiado. Pede apoios de meios aéreos”. A resposta chegou meia hora mais tarde, pelas 06h32, por parte do Centro Operacional da Força Aérea (COFA) que informaram não haver “possibilidades de combate ao incêndio com Helis, os quais só poderão ser utilizados em apoio logístico, mas que é possível acionado o avião Hércules c-130”

“Ainda veio um helicóptero e andou


CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
REGIMENTO DE SAPADORES BOMBEIROS
SOCORRO

REGIMENTO DE SAPADORES BOMBEIROS
RELATÓRIO

REGIMENTO DE SAPADORES BOMBEIROS

LOUVORES

a sobrevoar a zona para analisar como estava."

Pelas 10h20, o relatório dá conta da intervenção do então comandante do RSB, Major de Engenharia Matos da Silveira, que pede que "a Rádio e a Televisão emitam um apelo no sentido de todos os elementos do RSB de licença ou de folga compareçam nos seus aquartelamentos".

Apesar dos meios humanos e dos equipamentos disponibilizados, o incêndio não deu tréguas e só viria a ser circunscrito já depois das 15h00. A fase de rescaldo estendeu-se até ao dia 5 de setembro.

Passados 30 anos sobre este grave incidente que marcou a história da cidade, permanecem desconhecidas as causas deste incêndio. Isso mesmo aparece contemplado no relatório, onde se lê que "não restaram elementos que possam indicar a origem do incêndio, pelo que esta se considera indeterminada. A extensão atingida já pelo fogo quando se chega ao local, leva a crer que ele já se tinha declarado há bastante tempo. De outro modo, só se poderia explicar a sua grandiosidade por uma ação premeditada, o que em nada está confirmado até ao momento".

Chefe aposentado do RSB, Carlos Militão

Chefe aposentado do RSB, José Rodrigues, autor do relatório sobre o incêndio do Chiado

Depressão ou excesso de trabalho? A resposta é: Burnout

(Por Paulo Parracho)

O termo não é novo, mas só nos últimos anos começou a ser mais usado nos diagnósticos relacionados com exaustão profissional. Em Portugal, estima-se que a Síndrome de Burnout possa atingir 13,7% da população ativa. Profissões como polícia, médico ou bombeiro são as mais referidas neste quadro de esgotamento físico e mental que afeta cada vez mais pessoas.

Há especialistas que admitem alguma falta de sensibilidade no seio laboral para lidar com o assunto, mas no Brasil, onde proliferam estudos e casos associados a este distúrbio mental, só no ano passado foram afastados das suas funções mais de 650 bombeiros vítimas de Burnout.

Os especialistas consideram esta doença como "o ponto máximo do stress laboral, podendo desenvolver-se em indivíduos das mais variadas profissões, principalmente aquelas em que há um contato direto com outras pessoas". Daí que a profissão de bombeiro seja das mais referenciadas em diversos estudos e publicações internacionais sobre Burnout, em especial no Brasil, onde durante o ano de 2017 foram afastados 657 operacionais de corporações de bombeiros por motivos psicológicos – quase 16% de todas as baixas médicas. Desse total, 406 (61%) foram afastados parcialmente: ou seja, saíram das ruas e ficaram apenas em cargos administrativos. Os restantes (251 bombeiros ou 39%) foram afastados totalmente da corporação.

Síndrome de Burnout é um distúrbio psíquico caracterizado pelo esgotamento físico, mental e psíquico do indivíduo. Esse distúrbio foi descrito pela primeira vez pelo médico psicólogo alemão Herbert Freudenberger (1926-1999), que diagnosticou a síndrome em si próprio em 1974. O transtorno está registado no Grupo V da CID-10 (Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde).

Por cá, um estudo recente da DECO – Associação para a defesa do consumidor revelou que três em cada dez trabalhadores portugueses são afetados por este distúrbio, sendo que os empregados de lojas e supermercados (43%), profissionais de saúde (não médicos, 39%) e quem trabalha em serviços administrativos (37%) ou em profissões ligadas ao ensino (28%) são os mais afetados.

Foto ANEPC

Segundo a Associação Portuguesa de Psicologia da Saúde, os números mais recentes apontam para que 13,7% da população ativa em Portugal seja afetada por este quadro de esgotamento físico e mental, enquanto a Unidade de Investigação em Epidemiologia, do Instituto de Saúde Pública, da Universidade do Porto, realça que a síndrome afeta todos os profissionais de saúde, independentemente do cargo e da função que desempenham.

Neste grupo incluem-se também os bombeiros, conforme várias teses desenvolvidas em Portugal e no estrangeiro, segundo as quais, "os que trabalham na área da emergência pré-hospitalar estão sujeitos a vários riscos de natureza física e psíquica que contribuem para o stress no trabalho, pois esta profissão implica a necessidade de decidir, muitas vezes sob pressão, com urgência e em condições de risco ou limitação de recursos".

Na sua tese de Mestrado, apresentada na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Natália Cordeiro Vara debruça-se, precisamente, sobre "Burnout e satisfação no trabalho em bombeiros que trabalham na área da emergência pré-hospitalar". "As pessoas predispostas a virem a sofrer de burnout são aquelas que entram para uma atividade profissional com idealismo e boas intenções, esperançosas e dedicadas. Gradualmente, com o passar do tempo, comprovam que não são apreciadas, perdendo significado aquilo que executam", refere.

Assim, conclui aquele psicóloga, "se o lema dos bombeiros é "Saber para Servir" estando implícito o idealismo de prestar ajuda e ser útil com o seu trabalho, a satisfação no trabalho será um importante indicador a ter em conta na análise do burnout nestes profissionais", acrescentando ainda que "numerosos estudos têm relacionado o elevado burnout com a baixa satisfação no trabalho".

Na mesma linha de orientação, Mónica Santos, especialista em Medicina do Trabalho, e Armando Almeida, docente na Escola de Enfermagem do Porto, defendem que o burnout é mais frequente "em profissões que prestam ajuda por contato direto", entre os profissionais "mais dedicados e empenhados", bem como nos "mais idealistas e motivados". "É também mais provável em situações de acidentes graves ou até morte de colegas, em consequência do exercício das suas atividades".

Precisamente o que conclui o estudo feito por Patrícia Campos Morgado junto dos Bombeiros Sapadores de Setúbal, que aponta "a morte ou acidentes com colegas de trabalho, o prestar socorro a pessoas jovens seriamente feridas e o enfrentar problemas para os quais não têm controlo" como principal fonte de stress e preocupação apontada pelos próprios bombeiros.

"Os bombeiros no decorrer da sua atividade profissional, estão frequentemente expostos a agentes de risco iminente à vida, como catástrofes, incêndios e acidentes em que se deparam com o sofrimento das pessoas, e além das frustrações pelos insucessos e impotências, o que os expõe ao sofrimento psíquico, são muitas vezes alvo de agressões verbais, e por vezes físicas, decorrentes do descontrole emocional dos sujeitos que vivenciam situações de acidentes contra a vida e/ou ao património", justifica na sua dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Higiene e Segurança no Trabalho na escola Superior de Ciências Empresariais do Instituto Politécnico de Setúbal.

O mesmo trabalho salienta ainda como justificação para a valoração dada pelos inquiridos a algumas das questões apresentadas e que levaram às conclusões apontadas, o facto de, na maior parte dos casos, estarmos perante pais: "o sentido de responsabilidade para com a família (no final de cada saída há o receio de não poder voltar para a família), o experienciarem de outra forma estes acontecimentos trágicos ou por receio de os filhos seguirem as mesmas "pegadas" e estarem sujeitos às mesmas situações", é por sim só fator capaz de desencadear situações de burnout.

Burnout: Esgotamento e perda de emoções

Os casos de stress ocupacional extremo e continuado resulta, quase sempre, numa perda gradual de emoções, motivação e empenho. Podem também surgir a desilusão, irritação, frustração e depressão. "O indivíduo sente-se esgotado, desmotivado e não consegue relaxar. Por vezes, surgem também sintomas físicos (como cefaleia, mialgia, náusea, alterações do sono e astenia)", aponta Natália Cordeiro Vara. Pode desencadear também enxaquecas, problemas gastrointestinais, pressão arterial elevada, tensão muscular e fadiga crónica e mesmo estados ansiosos, depressivos e problemas de relacionamento familiar e social.

Organizações também são afetadas

Da mesma forma, as organizações ou empresas onde estes indivíduos prestam serviço podem ser igualmente afetadas, "na medida em que o profissional com burnout tem pouco rendimento" verifica-se "diminuição de tempo e energia dispendida, o que desencadeia uma deterioração da qualidade assistencial ou do serviço, absentismo laboral, rotações excessivas, vontade de desistir do emprego, diminuição da criatividade e desaparecimento do orgulho de exercer aquelas funções, ou até o abandono do posto de trabalho, da própria organização", salienta o estudo da mesma psicóloga.

"O burnout conduz à deterioração da saúde física e psíquica do indivíduo e a atitudes e condutas laborais alteradas que incidem directamente no rendimento e funcionamento da instituição, produzindo-se o piorar da atenção dada, neste caso à vítima/doente, com uma desumanização e deterioração na qualidade dos serviços prestados", refere ainda Natália Cordeiro Vara.

Por sua vez, o bastonário da Ordem dos Psicólogos, Francisco Miranda Rodrigues, também não tem dúvidas em quantificar o impacto do burnout: "A perda de produtividade gerada pelo absentismo causado por problemas de saúde psicológica pode custar às pequenas e médias empresas (PME) cerca de 212 milhões por ano e às grandes empresas 117 milhões".

Falta de apoio de supervisores

No estudo da Deco, que envolveu 1.146 trabalhadores entre janeiro e fevereiro deste ano, cerca de metade dos inquiridos queixaram-se da falta de apoio por parte dos supervisores em situações de stress e um em cada quatro por parte dos colegas.

Três em cada dez trabalhadores afirmaram-se emocionalmente cansados do trabalho mais de uma vez por semana e 35% revelaram sentir-se exaustos com a mesma frequência.

"Em 11% dos casos, o cansaço surge todos os dias, logo de manhã, perante a perspetiva de mais uma jornada de trabalho. Diário é também o stress laboral para 14 %. Contudo, a maioria dos inquiridos considera que desempenha bem as suas funções profissionais", refere o estudo.

"Quando a pressão se torna excessiva, difícil de gerir e se prolonga no tempo, pode transformar-se em stress crónico e afetar a vida pessoal e familiar, a saúde e, claro, o desempenho profissional", recorda a Deco, sublinhando que "22% dos inquiridos que tomaram medicamentos para combater o stress indicaram um período mínimo de tratamento de três anos".

De entre as explicações para o descontentamento com o trabalho, destacam-se o conteúdo das próprias funções, que os trabalhadores vislumbram como uma (im)possibilidade de progressão na carreira, e a (má) relação com os superiores hierárquicos.

Dos que sentem falta de apoio dos patrões ou supervisores em momentos de stress, 50% estão em risco de 'burnout'. Apenas 19% dos que se dizem apoiados se encontram na mesma situação.

"De falta de auxílio, mas do departamento de recursos humanos, queixam-se 71% dos inquiridos. Destes, 47% apresentam sinais de stress crónico (quando há apoio, apenas 12% estão em risco)", refere o estudo.

Em 77% dos casos, os inquiridos são trabalhadores ditos efetivos, isto é, com contrato a termo incerto, e três quartos trabalham total ou parcialmente na área em que se especializaram em termos profissionais ou académicos. Dos que têm formação superior, 81% exercem funções na sua área de especialização.

Contudo, recorda a Deco, "a diferença entre trabalhar ou não na área de especialização parece não se refletir nos números do 'burnout'": 30% dos que exercem funções na sua área estão em risco, contra 33% dos que não o fazem.

Cerca de um terço dos inquiridos revelou que a profissão afeta negativamente a sua qualidade de vida e 35% afirmaram o mesmo em relação à saúde.

No entanto, segundo o estudo, quem segue um estilo menos saudável, isto é, quem fuma, consome álcool, recorre a drogas ilícitas e/ou dorme menos de seis horas por dia parece em maior perigo de 'burnout' do que quem tem hábitos de vida mais saudáveis.

Cerca de um quinto dos inquiridos afirmou ter tomado medidas contra o stress nos últimos cinco anos. A maioria (78%) tomou medicamentos, 55% optaram pela prática de exercício físico e 26%, pela psicoterapia.

Na falta de uma evidência forte sobre a eficácia das intervenções para prevenir e tratar o 'burnout', o estudo refere: "Dos empregadores, espera-se que aliviem um pouco a válvula da pressão laboral, através de ambientes mais participativos, que deem ao trabalhador maior sensação de segurança, controlo e recompensa". Aos trabalhadores recomenda que "identifiquem os fatores de stress e, se possível, discutam com os supervisores a possibilidade de os contornar ou tornar mais leves", além de tentarem desempenhar atividades de que gostem fora do meio laboral.

Investigadores avaliam exposição de bombeiros à poluição atmosférica

Duas faculdades da Universidade do Porto juntaram-se ao Centro Hospitalar Universitário de São João para dar início a um projeto que visa avaliar os "efeitos da exposição à poluição atmosférica" nos profissionais de combate aos incêndios.

Sofia Sousa, investigadora no Laboratório de Engenharia de Processos, Ambiente, Biotecnologia e Energia (LEPABE) e responsável pelo "ArRiscO", revela que o projeto começou a ser idealizado "há cerca de um ano", no âmbito do Concurso de Projetos de Investigação Científica e Desenvolvimento Tecnológico no Âmbito da Prevenção e Combate a Incêndios Florestais da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT).

"O combate aos incêndios continua a estar entre as ocupações mais perigosas, no entanto, menos estudadas em termos de impacto de exposição a doenças ocupacionais, nomeadamente no que diz respeito à Doença Pulmonar Obstrutiva Crónica (DPOC) e à asma", salientou a investigadora.

Com o propósito de "avaliar os efeitos da exposição a longo prazo à poluição atmosférica", as faculdades de Engenharia e Medicina da Universidade do Porto juntaram-se ao Centro Hospitalar Universitário de São João (CHUSJ) e arrancaram com "o estudo caso-controlo" em técnicos de combate aos incêndios florestais.

"Em particular, os técnicos de combate a incêndios florestais correm maior risco de efeitos adversos na saúde devido à exposição a níveis elevados de substâncias potencialmente nocivas durante o seu trabalho", apontou a investigadora.

Segundo Sofia Sousa, uma vez que o objetivo do "ArRiscO" passa por perceber o impacto da exposição "aos poluentes atmosféricos" no desenvolvimento de DPOC e asma, a equipa de investigadores vai "monitorizar os poluentes" e "avaliar a exposição".

"Para isso, iremos monitorizar os poluentes atmosféricos para avaliar a exposição dos técnicos de combate, e iremos diagnosticar DPOC e asma com base em ferramentas validadas, nomeadamente questionários e testes médicos. Sendo um estudo de caso-controlo, os casos serão os técnicos que atuam diretamente no combate e os controlos serão os que não o fazem", esclareceu.

A investigadora disse que "não pode ainda divulgar" que corporações de bombeiros e quantos profissionais de combate a incêndios são abrangidos pelo estudo.

O projeto "ArRiscO - Exposição ocupacional dos bombeiros à poluição atmosférica - impacto na DPOC e asma" foi financiado pela FCT em 199.963 mil euros para os próximos três anos.

Universidade da Beira Interior cria tecnologia para prevenção e combate de incêndios

A Universidade da Beira Interior está a desenvolver uma tecnologia que identifica pontos de água acessíveis a meios aéreos no combate a incêndios e zonas de coberto vegetal que precisem de limpeza para prevenir fogos no concelho do Fundão. Ainda não há, no entanto, data para disponibilizar a aplicação.

A investigação foi desenvolvida para o município do Fundão. Na base do desenvolvimento desta aplicação estiveram as necessidades sentidas no combate a incêndios por parte de pilotos de meios aéreos.

Em declarações à Agência Lusa no dia 25 de março o coordenador do Departamento de Ciências Aeroespaciais da Universidade da Beira Interior avançou que " a ideia é criar uma ferramenta, uma aplicação, que permite a um piloto nacional ou estrangeiro ter os pontos de água mapeados e fazer com que as próprias autarquias tenham consciência da tarefa que têm de desenvolver ao criar esses pontos acessíveis e mantê-los em condições de funcionamento".

Segundo Jorge Reis Silva "num cenário operacional, muitas vezes têm de andar à procura dos pontos de água e muitas vezes os pontos de água que procuram não estão sinalizados e a aproximação a esses pontos de água pode eventualmente criar alguns perigos porque o cenário é imprevisível".

O investigador adiantou ainda que "foi feita uma primeira triagem dos pontos de água e boa parte deles não servia para o combate a incêndios, porque tinham obstáculos perto ou tinham secado". Neste sentido, a autarquia terá investido para tornar alguns dos pontos de água acessíveis e criou outros artificiais para garantir a total cobertura do concelho.

A Universidade da Beira Interior está ainda a desenvolver tecnologia para instalar em veículos aéreos não tripulados, como é o caso dos drones, para localizar zonas de coberto vegetal a necessitar de limpeza, com o objetivo de prevenir incêndios.

A intenção da UBI passará por estender o projeto à Comunidade Intermunicipal das Beiras e da Serra da Estrela e, mais tarde, ao país.

"Este foi um ano zero, depois da tragédia de 2017"

O Secretário de Estado das Florestas, Miguel Freitas, presidiu à sessão de encerramento do Seminário "Estruturas de Socorro em Portugal: novos paradigmas". O responsável do Governo pelas florestas falou ao Alto Risco de alguns desafios que se impõem na gestão das florestas para evitar cenários como os que aconteceram no Verão de 2017.

Que desafios encontrou este ano para que não se repetissem incêndios com as dimensões dos que ocorreram no ano passado?

Tivemos uma noção diferente do que devia ser esta aproximação entre prevenção e combate. Pela primeira vez, tivemos uma enorme coordenação entre os agentes que trabalham na área da prevenção e do combate. Fomos capazes de aumentar a prevenção sem descurar o combate, o que é importante dizer, equilibrámos os orçamentos e demos passos determinantes e determinados no que diz respeito à rede primária de segurança contra incêndios. Este ano mais do que nos últimos 10 anos.

Criámos mais 100 equipas de sapadores florestais, reforçamos o que era o efetivo que trabalha na defesa da floresta contra incêndios. Reforçamos a componente de pessoal que trabalha nessa área dentro do próprio ISNF, com quase 200 novos agente e, portanto, o reforço dos meios foi outro ponto essencial que procurámos cumprir.

Este foi um ano zero, um ano depois da tragédia de 2017, de repensarmos todo o sistema. Vamos começar a trabalhar, com uma visão de medio/ longo prazo. Eu percebo a premência de darmos respostas imediatas mas há aqui necessidade de construir coisas sólidas.

Que medidas estão a ser tomadas nas matas nacionais?

As chamadas áreas de elevado valor natural tiveram um cuidado imenso. Foram cuidadas de forma diferente daquela que foi no passado. Mas é preciso perceber que nós não conseguimos fazer tudo de um ano para o outro. Temos planos que têm que ser cumpridos e temos as restrições orçamentais.

Tivemos mais dinheiro do que sempre e posso dizer que, nessa questão gastámos, sete milhões de euros-mais do que nos últimos 10 anos. Mesmo no parque Cascais- Sintra houve trabalho efetivo. Houve abertura da rede primária, de caminhos, limpeza de mosaicos.

Não se pode esperar que, de um ano para o outro, as cosias estejam resolvidas. A pior coisa que pode acontecer é pensarmos que os incêndios acabaram. Os incêndios não vão acabar e vão sempre acontecer. Nós fizemos tudo o que era possível para que eles não ganhem dimensão.

Tese de doutoramento traz financiamento de bombeiros para a ordem do dia: toda a área financeira dos bombeiros deveria estar centrada na ANPC”

(Por Cátia Godinho)

O mote era o financiamento dos bombeiros, tema que sustenta a tese de doutoramento de Fernando Curto, mas depressa derivou para outros. Ao longo da tarde do dia 9 de outubro, passaram pelo auditório António Almeida Santos, na Assembleia da República, algumas das grandes questões que se colocam Ao atual modelo de proteção civil. A profissionalização do setor, a necessidade de formação, a remuneração dos bombeiros e a sensibilização da população foram alguns dos temas abordados pela mesa de convidados do primeiro e do segundo painel, durante o seminário “Estruturas de Socorro em Portugal: novos paradigmas”, organizado pela Associação Nacional de Bombeiros Profissionais.

O presidente da ANBP, Fernando Curto, autor da tese “Financiamento das estruturas de bombeiros em Portugal: um estudo comparativo entre os bombeiros profissionais e os bombeiros voluntários” concluiu durante o seu estudo que o financiamento dos bombeiros e da proteção civil precisam de ser reorganizados financeiramente, o que faria com que não fossem necessárias “muitas das verbas”.

Na tese, onde foram analisados os financiamentos das associações humanitárias de bombeiros voluntários, das Câmaras municipais e os orçamentos da Autoridade Nacional da Proteção Civil, Fernando Curto conclui ainda que “toda a área financeira dos bombeiros deveria estar centrada na ANPC”, que iria supervisionar as verbas e organização financeira da proteção civil. Uma supervisão que deveria estender-se também às campanhas de solidariedade feitas em prol dos bombeiros, e que assim seriam clarificadas.

Ao comparar o financiamento dos municípios que têm bombeiros voluntários e municipais, a conclusão é que existe “uma disparidade brutal” sendo o orçamento dos voluntários maior do que o dos municipais.

O tema escolhido para a tese levou o jornalista Hernâni Carvalho, convidado para a mesa de abertura, a salientar “a coragem pera abordar este tema do finan-

O jornalista Hernâni Carvalho esteve na apresentação da tese de Fernando Curto

ciamento dos bombeiros". Tema que, para o ex-vereador da proteção civil da câmara municipal de Lisboa, também convidado para a mesa redonda, deveria conhecer alguma evolução, considerando que "é preciso evoluir o modelo em termos de financiamento". Já o Secretário de Estado da Proteção Civil, José Artur Neves, considerou que esta iniciativa se traduziu "em conhecimento ao nível do socorro".

Para o debate, que abordou também o financiamento das autarquias com bombeiros profissionais, a ANBP tinha convidado todos os presidentes da Câmara, a nível nacional, mas apenas dois responderam à "chamada". Um deles foi o autarca do Sardoal, Miguel Borges, que se mostrou "surpreendido" com este facto, considerando que o problema está "nas políticas e não na operacionalidade".

Já a presidente da Câmara Municipal de Tomar, Anabela Freitas, questionou os presentes obre o sistema de proteção civil pretendido. "Não posso dar formação a um bombeiro, pagar-lhe 580 euros por mês", defendeu. A autarca acrescentou que "não há bombeiros voluntários. Há os que dependem das Câmaras Municipais e os que dependem das associações humanitárias de bombeiros voluntários".

Secretário de Estado da Proteção Civil, José Artur Neves

O antigo Secretário de Estado da Administração Interna, João Almeida, considerou que "foi um erro" passar as responsabilidades do Governo Civil para os Comandos Distritais de Operações de Socorro, acrescentando também que "o Estado Central deve apoiar os bombeiros profissionais".

A deputada do Partido Socialista, convidada a participar neste seminário, relevou a importância de alterar as mentalidades, nomeadamente no que diz respeito ao uso negligente do fogo.

(da esquerda para a direita) O vereador da CM Lisboa, Carlos Manuel Castro, o diretor nacional ANEPC, Pedro Lopes, o SEPC, Artur Neves, Fernando Curto e o presidente da CM Sardoal, Miguel Borges

Jornalista Hernâni Carvalho

Jornalista Filomena Barros, que moderou o debate

O vereador Carlos Manuel Castro

Fogos, tempestades e alterações climáticas

(Por Paulo Parracho)

Tempestades como o Leslie, que recentemente afetou a região Centro de Portugal, ou a onda de calor registada no último verão são fenómenos que "muito provavelmente" vão ser mais frequentes entre nós. As alterações climáticas estão na base deste tipo de eventos, tanto mais que a temperatura média registada um pouco por todo o mundo, mas também nas principais cidades europeias, tem vindo a subir.

Um grupo de 91 especialistas (de 40 países), que integram o Painel Intergovernamental para as Alterações Climáticas da ONU, elaborou recentemente um estudo, considerado o mais importante relatório de ciência climática da década. Segundo esse documento, "manter o aquecimento global abaixo de 1,5°C significa uma diminuição das pessoas expostas a ondas de calor, chuvas fortes, secas, tempestades e inundações". Mas a margem não é muita: o aquecimento climático está neste momento 1°C acima dos níveis pré-industriais e pode atingir 1,5ºC já entre 2030 e 2052. Como referem os autores do relatório de 400 páginas: 0,5ºC "faz toda a diferença".

Exemplo disso são "as ondas de calor semelhantes às testemunhadas durante o verão de 2018, mas também a ocorrência de grandes fogos florestais, chuvas fortes, inundações e tempestades", refere o relatório que tem seis mil referências científicas. Mas se a temperatura subir 2ºC, em relação a valores pré-industriais, a probabilidade de desaparecerem todos os corais, de as ondas de calor serem mais intensas, de aumentar a incidência de doenças transmitidas por insetos ou aumentar a poluição por ozono, é maior, lembrou Sarah Perkins-Kirkpatrick, investigadora no Centro de Investigação em Alterações Climáticas, na Universidade de Nova Gales do Sul (Austrália).

Francisco Ferreira, presidente da ZERO, considera que "o relatório reforça a necessidade de cada um dos países, incluindo Portugal, ir muito mais além e mais depressa em relação ao atualmente previsto: "O roteiro para a neutralidade carbónica em 2050 que o governo está a preparar é uma oportunidade única que tem de ser concretizada pelos próximos governos, num consenso alargado de todas as forças políticas e assumido por toda a sociedade. Portugal é dos países europeus mais afetados pelas alterações climáticas e não pode falhar uma transição para 100% de energias renováveis e uma rápida descarbonização dos transportes, entre outras medidas."

Tempestades como o Leslie mais frequentes

O especialista em alterações climáticas Filipe Duarte Santos também considera que tempestades como o Leslie vão "muito provavelmente" ser mais frequentes devido ao aquecimento da água dos oceanos e alerta para a incapacidade de se prever quando se podem repetir.

O professor da Faculdade de Ciências na Universidade de Lisboa e presidente do Conselho Nacional do Ambiente e do Desenvolvimento Sustentável, mostrou-se "surpreendido" com o Leslie, uma tempestade pós-tropical que atingiu Portugal no fim de semana de 13 e 14 de outubro, classificando o fenómeno como "raro", mas adverte que a continuação das alterações climáticas pode vir a tornar aquele tipo de eventos "quase frequentes".

"Nós não sabemos quando é que uma coisa destas vai acontecer outra vez mas é muito provável que passem a ser mais frequentes no futuro. É surpreendente que Portugal e a restante Europa sejam afetadas por estes temporais pós-tropicais, mas é por causa da temperatura da água do mar", garante.

Segundo o especialista, que foi um dos revisores do Painel intergovernamental para as Alterações Climáticas (IPCC), o Leslie foi "um fenómeno oceânico que nasceu no Atlântico e que cresceu, dando origem a um ciclone tropical que se aproximou da costa portuguesa, mas que quando entrou em terra já era um temporal pós tropical, mas com ventos extremamente intensos", e resultou do aumento da temperatura da água do mar.

"A temperatura superficial dos oceanos aumentou 1,5 graus celsius desde 1900, sendo que o oceano Atlântico está em média a ficar mais quente e deixa-nos vulnerável", avisa.

Filipe Duarte Santos admite ainda que "os cientistas não têm qualquer capacidade de prever quando é que um temporal pós-tropical como o Leslie vai novamente chegar" a Portugal: "Não fazemos ideia se será daqui a cinco, dez, 15 anos. Mas aquilo que se nota é que os ciclones tropicais no Atlântico, os muito intensos estão a ficar mais intensos, os de categoria 4 e 5, estão a ficar maior e as trajetórias estão a chegar mais a norte e mais a leste", descreveu.

"Estamos todos surpreendidos. Os registos meteorológicos que há em Portugal, desde 1860, não têm nenhuma notícia de uma tempestade com estas características", refere.

Para o investigador aquele que é "ainda um fenómeno raro" pode ser mais frequente: "Em relação ao futuro, se as alterações climáticas continuarem, ou seja as emissões de gases com efeito de estufa para atmosfera, especialmente o dióxido de carbono, que provem da combustão de combustíveis fosseis, se não fizermos uma transição para energias renováveis e muito maior eficiência energética, isto vai continuar", alerta.

Classe X da Mercedes patrulha praias da Nazaré
Ondas seguras

A Mercedes-Benz voltou a associar-se a uma iniciativa dedicada à segurança, na Nazaré, com a cedência de uma pick-up Classe X totalmente adaptada às necessidades da equipa de nadadores-salvadores que ali atua durante todo o ano.

Como tal, a marca alemã celebrou um acordo com a Nazaré Qualifica, com validade até à abertura da próxima época balnear (2019), que visa o reforço de meios da equipa que efetua o patrulhamento da praia durante o inverno.

"Estamos a reforçar uma parceria com o Município com este ato, que se materializa na cedência de uma pick-up Classe X, que reúne, para além da sofisticação e experiência da condução, sistemas inovadores de segurança", explica Mário Neves, Managing Director da Mercedes-Benz Vans Portugal."Não poderíamos deixar de nos aliar ao Município na apresentação da Nazaré como uma praia segura com a viatura de segurança excecional."

O patrulhamento da costa fora da época balnear acontece pelo segundo ano consecutivo, no âmbito do protocolo de colaboração entre o Município e a Associação de Nadadores Salvadores da Nazaré.

Para o presidente da Câmara Municipal, Walter Chicharro, esta parceria "reforça a promoção da Nazaré como uma praia segura e de qualidade, numa altura em que esta é, cada vez mais, um destino mundial de referência, também por causa do mar e dos produtos turísticos a ele associados."

Mercedes-Benz Classe X 250d 4Matic
Preparada para tudo

A nova Classe X assinala a entrada da Mercedes neste segmento, criando um novo patamar de qualidade que combina a robustez de uma pick-up com a sofisticação habitual da marca.

Graças a uma parceria com a Nissan, o construtor alemão aproveitou todo o desenvolvimento da conhecida Navara, nomeadamente ao nível de chassis, motor, caixa de velocidades e transmissão, dando-lhe um cunho de alta gama a nível estético e, sobretudo, na introdução de equipamentos e tecnologia de topo.

Outra das grandes diferenças face à Nissan Navara passa pela evolução da geometria multibraços da suspensão traseira, com reflexos evidentes no conforto e na estabilidade em estrada e fora dela.

Sem perder eficácia no comportamento exemplar que demonstra em todo o tipo de terrenos, esta é uma pick-up com tiques de SUV, que tanto se adapta a veículo de trabalho, como de aventura ou lazer. Com cabine dupla (5 lugares) permite uma caixa de carga com 2,141 m2 e é capaz de suportar até 110 0 kg. Em alternativa, suporta uma capota rígida tipo "wagon" americana. Pode, assim, ser adaptada a diversas valências nas áreas da proteção e socorro, inclusive como carro de comando.

Os sistemas de segurança inovadores também fazem a diferença neste segmento. Active Break Assist, 7 airbags, sistema de chamada de emergência MB, ESP com Trailer Stability Assist, Traffic Sign Assist e Lane Keeping Assist são alguns dos equipamentos disponíveis, tal como a câmara de ajuda ao estacionamento com visão 360.º.

A versão testada pelo Alto Risco (250d 4 Matic) estava equipada com motorização Nissan de 2298 cm3, 190 cv, binário de 450 Nm e caixa automática de variação contínua. Uma combinação que tem dado provas na Navara, mas que aqui surge melhorada graças ao "dedo" dos engenheiros da Daimler. Nos terrenos mais difíceis, o conjunto mecânico revela competências 'q.b.", muito embora a opção pela caixa manual de seis velocidades seja de considerar por quem pretende controlo mais personalizado.

As redutoras engrenadas através de um simples botão, tal como o bloqueio do diferencial traseiro, garantem resposta adequada para ultrapassar toda a espécie de obstáculos, tal como o DSR – Down Hill Speed Regulation.

O preço base desta versão arranca nos 47.676€ (incluindo impostos), mas a entrada na gama (Classe X 220 d, de 163 cv) é ligeiramente mais acessível.

Em fase de lançamento está a Classe X 350d 4 Matic, já equipada com o motor Mercedes 3.0 V6 de 258 cv e a muito mais eficaz caixa 7G-Tronic, também de origem germânica.

Paulo Parracho